

BULLYING: UM FENÔMENO NOVO, MAS NADA CONTEMPORÂNEO

TÚLIO GABRIEL DANTAS CORTÊS¹

Centro de educação profissional CARDAN/Shalom

professorcortes@yahoo.com.br

MARIA NEUZA DA SILVA DANTAS²

Orientador: Prof. Ddo. Alvaro C. Dias da Silva³

RESUMO

O *Bullying* é um termo da língua inglesa (bully = tirano, valentão) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. Apesar de ser considerado um tema recente, já que só passou a ser pesquisado nas últimas décadas, essa prática está presente desde sempre na vida escolar dos seres humanos, assim este trabalho busca definir de forma clara o real significado do *bullying*, tipificar essas práticas e identificar os seus envolvidos, desde as vítimas até os agressores, tomando por base a visão de pesquisadores e o cotidiano de escolas da rede estadual de ensino do município de Acari – RN. Assim, o presente estudo define-se em sua **metodologia** como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, já que através da literatura consultada pode-se analisar e obter uma maior dimensão acerca do assunto aqui exposto.

Palavras-chaves: *Bullying*. Agressor. Vítima. Educação.

RESUMEN

El *Bullying* es un término de lengua inglesa (bully = tirano, valentón) que se refiere a todas las formas de actitudes agresivas, verbales o físicas, intencionales y repetitivas, que ocurren sin motivación evidente y son ejercidas por uno o más individuos, causando dolor y angustia, con el objetivo de intimidar o agredir otra persona sin tener la posibilidad o capacidad de defenderse, siendo realizadas dentro de una relación desigual de fuerzas o poder. A pesar de

¹ Bacharel e Licenciado em História. Especialista em Geopolítica. Professor da rede pública de ensino e do Centro Educacional CARDAN/Shalom.

² Especialista em Saúde Mental pela FIP. Graduada em Pedagogia pela UFRN. Graduada em Serviço Social pela UNITINS. Professora da e pesquisadora da área de Educação Inclusiva – Sala de AEE. Professora do Centro Educacional CARDAN/Shalom.

³ Doutorando em Educação e Mestre em Ciências da Educação; Especialista nas áreas de Psicopedagogia – Ensino de História e Geografia e Docência no Ensino Superior; Graduado em Licenciatura plena em História e em Pedagogia.

ser considerado un tema reciente, ya que solo pasó a ser pesquisado en las últimas décadas, esa práctica está presente desde siempre en la vida escolar de los seres humanos, así este trabajo busca definir de forma clara el real significado de *bullying*, plasmar esas prácticas e identificar sus envueltos, desde las víctimas hasta los agresores, tomando por base la visión de investigadores y el cotidiano de escuelas de la red estatal de enseñanza del municipio de Acari – RN. Así, el presente estudio se define en su **metodología** como una pesquisa bibliográfica de cuño cualitativo, ya que a través de la literatura consultada se puede analizar y obtener una mayor dimensión acerca del asunto aquí expuesto.

Palabras-claves: *Bullying*. Agresor. Víctima. Educación.

INTRODUÇÃO SOBRE O BULLYING

Durante toda a vida estudantil, muitos conflitos e desafios são apresentados a todos os discentes, desde o mais popular ao mais tímido. Porém, é fato que diferentes personalidades e opiniões causam grandes transtornos no dia a dia escolar, o que por sua vez atingem em cheio os atores e personagens da rede escolar. Assim, surge a agressão verbal, física, indisciplina e perseguições, que na contínua ocorrência é denominado na atualidade como *Bullying*. Numa abordagem etimológica a palavra *bullying* “é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano.” (CHALITA, 2008). Com relação a essa abordagem, Melo (2010, p. 119) acrescenta:

A palavra *bull*, touro, boi, em inglês é adjetivada para *bully*, valentão que quando substantivada fica *bullying*, aquele que exerce a valentia contra outrem. Por afetar a condição psíquica (estado psicológico) da pessoa no gesto de humilhação moral caracterizado pela agressão verbal gratuita, injustificada e repetida, também é comumente definida como assédio moral. Nessa perspectiva pode ocorrer no âmbito familiar, no ambiente de trabalho, na escola e quaisquer meios sociais.

O Bullying ainda é um tema pouco conhecido das massas, mesmo sendo alvo de várias pesquisas e estudos na atualidade. Esse termo é de origem inglesa e foi adotado por diversas localidades, para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um outro indivíduo, assim como, conceitua alguns comportamentos agressivos e anti-sociais. Ele é utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos problemas de violência escolar.

As violências escolares não se iniciaram na contemporaneidade, mas desde que a escola é escola temos referência de fatos que não eram encarados com tamanha complexidade, mas

que, vistos com essa nova ótica, já eram exemplos de *bullying*. A escola encarava isso como uma naturalidade e muitas vezes atribuía a sua causa a natureza dos indivíduos e muito pouco se combatia.

Segundo Fante (2005, p. 45) apenas no final de 1982 com o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos na Noruega, onde o motivo para tais atos eram os maus-tratos que eram submetidos pelos seus companheiros discentes é que o fato ganhou grande divulgação ao ponto da Instituição que regulamenta a Educação na Noruega, em 1983, desenvolveu uma campanha em escala nacional contra problemas entre agressores e vítimas.

Em 1989, Dan Olweus publicou o livro: *Bullying at school: what we know and what we can do* (*Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer*) marcando assim os primeiros estudos sobre o assunto. Essa publicação foi fruto de uma pesquisa com 84 mil estudantes, aproximadamente trezentos professores e cerca de mil pais, nos mais variados níveis de ensino. O livro foi um sucesso de venda por identificar esse fenômeno, as suas vítimas e os seus autores e ainda indicava caminhos para a intervenção, levando as escolas de toda a Noruega a se mobilizarem. Logo outros países se interessaram pelo assunto e pela referida campanha norueguesa e a imitassem, como foi o caso do Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Itália, Grécia e Estados Unidos.

O principal ponto de preocupação dos pesquisadores do assunto é o acelerado crescimento do fenômeno, principalmente por atingir os anos iniciais da educação básica. Os dados dão conta que hoje 5% a 35% de crianças em idade escolar estejam envolvidas no *bullying*, sejam como vítimas e ou agressores na escola.

Como afirma Cleo Fante (2005):

De acordo com pesquisas publicadas no jornal espanhol El País, um a cada quatro alunos de escolas britânicas do ensino primário, disse ter sofrido maus-tratos por parte de outros companheiros em seu centro educativo. Ainda segundo o jornal, em 1997, os maus-tratos físicos e psíquicos foram citados como a principal causa de suicídio de 766 menores.

Assim, por ser desconhecido pela pouca pesquisa o tema permanece oculto no âmbito escolar, Sposito (citado por Pereira 2009, p.34) afirma que o tema violência escolar no Brasil é pouco estudado. Em análise feita em 6.092 trabalhos discentes da pós-graduação num



período de 15 anos (1980-1995), apenas quatro estudos examinaram a violência que atinge a unidade escolar, pois naquele momento (1980):

não estavam sendo questionados as formas de sociabilidade entre alunos, mas eram criticadas as praticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras de violência. (SPOSITO, 2001,p. 91).

Todavia pode-se afirmar que no Brasil algumas razões ajudaram a dar maior visibilidade à violência, a saber, o fim do período ditatorial e o início da redemocratização do país, com o advento das comunicações e uma maior cobertura pela mídia de atos violentos privilegiando os homicídios que ocorreram nas adjacências ou no interior das escolas.

Muitos defendem a não utilização do termo *bullying* no espaço educacional, já que esse não é português, todavia não podemos apagar a sua presença durante toda a trajetória da educação mundial com a denominação típica de violência.

Ainda Bullying Cleo Fante (2005, p. 28-29) afirma que:

[...] Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying".

De acordo com a citada autora, "definimos o *Bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de "brincadeiras" que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar" (Fante, 2005, p. 29).

No Brasil o termo *Bullying* é aplicado de maneira geral às práticas violentas, assim como na maioria dos países que o adota.

Assim sendo no âmbito universal, o bullying é apresentado como sendo um "conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima." Acrescenta a educadora Cleo Fante que "ridicularizações, intimidações, apelidos

pejorativos, ameaças, perseguições, difamações, humilhações, são algumas das condutas empregadas por autores de bullying.” (FANTE, 2014).

Hoje, a violência na escola se transformou no abuso de poder dos mais fortes sobre os mais fracos ao contrário do passado onde os atos de violência na escola eram ligados ao fator disciplina/indisciplina ou atos praticados pelos alunos meramente como atos de brincadeiras ou coisas de criança. Matar, roubar, ameaçar, constranger, são práticas que se proliferaram ao ponto de denominarmos de delinquência juvenil e de marginalização do espaço escolar. Uma violência que acontece em “via de mão dupla”, cheia de idas e vindas, onde todos são agressores e vítimas.

Na identificação do *bullying* deve ser evitada a precipitação, pois este é um erro comum que levou os céticos a criticarem essa definição comportamental como um modismo midiático que compõem o discurso dos professores, psicólogos e outros profissionais. Onde segundo eles, apontam *bullying* como todas as situações de conflito de grupos com indivíduos.

Assim, de forma a mais uma vez conceituar o fenômeno Bullying, Constantini (2004, p.69) explica que o bullying:

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiramente atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

E Teixeira (2011, p. 19) afirma que:

O bullying pode ser definido como comportamento agressivo entre estudantes. São atos de agressão física, moral, verbal ou psicológica que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente, praticados por um ou vários estudantes contra outro indivíduo, em relação desigual de poder, normalmente na escola.

Assim, verificamos a necessidade de diferenciarmos os comportamentos ditos normais, ou seja, conflitos isolados que acontecem no espaço educativo, do fenômeno *bullying*, uma prática de agressão que se repete, que é intencional e possui objetivos perversos.

Desta forma, o presente estudo define-se em sua **metodologia** como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, já que através da literatura consultada pode-se analisar e obter uma maior dimensão acerca do assunto aqui exposto (GIL, 2002).

2. IDENTIFICAÇÃO E TIPIFICAÇÃO DO *BULLYING*

Entender o *bullying* como um comportamento homogêneo é algo que chega a beira do impossível, pois ao adentrarmos nas suas teias percebemos os seus mais variados tipos e características e faz-se necessário dividi-lo de forma sistemática.

O poder de assumir muitas formas e manifestações trazendo consigo consequências devastadoras e danosas para a vida daqueles que sofrem as intimidações produzidas por este fenômeno é uma característica ressaltada por Matos (2012, p. 31).

Diante do que afirma Matos, podemos identificar duas formas de *bullying*, a prática direta e a indireta. A vítima dificilmente recebe apenas um tipo de agressão. O *bullying* costuma vir de maneira associada, colaborando, assim, para a exclusão social da vítima, bem como possui grande parcela de colaboração na exclusão, no fracasso e na evasão escolar.

O *bullying* direto é a forma mais comum entre os agressores masculinos. É aquele em que o *bully* confronta a vítima pessoalmente. São ataques abertos como socos, pontapés, ofensas, abusos.

O *Bullying* direto divide-se em VIOLÊNCIA FÍSICA, onde se encontra a ação de bater, beliscar, empurrar, ferir, dar tapas e outras agressões; VIOLÊNCIA SEXUAL, onde se encaixa o abuso ou assédio; e o MATERIAL, sendo atitudes como roubos e destruição de objetos pessoais estão presentes.

A forma indireta de *bullying* é a que possivelmente mais provoca prejuízos, já que pode gerar traumas irreversíveis e se apresenta através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes. De acordo com Melo (2010, 30 p.) esse tipo de prática visa a discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social e nasce da recusa a uma diferença, da intolerância e do desrespeito ao outro.

Segundo os autores Carpenter e Ferguson (2011 p. 42) o *Bullying* indireto ocorre quando o *bully* destrói a reputação e honra da vítima, espalhando comentários negativos e maliciosos. É o tipo mais difícil de ser identificado, pois dificilmente pode se provar quem iniciou as maledicências.

3. A TRAMA, SEUS ATORES E O ENFRENTAMENTO

Buscamos em Cleo Fante (2005), a síntese do trabalho de outros estudiosos dos comportamentos de *Bullying*, a identificação e a classificação dos personagens envolvidos no fenômeno, assim como, os tipos de papéis desempenhados por cada um.

De acordo com Melo (2010, 33 p.), pais e professores podem perceber inúmeros aspectos comportamentais das crianças e adolescentes que mostram o seu lado e papel em uma situação de *bullying* escolar.

A identificação dos alunos que são agressores, vítimas ou expectadores é de relevante importância pra que as instituições (escola e família) juntas, possam traçar meios e métodos efetivos para o enfrentamento do *bullying*. Os personagens dessa trama de acordo com pesquisadores, como Cleo Fante, apresentam um comportamento típico nos ambientes por eles frequentados, seja em casa ou na escola.

Assim, é basilar conhecer cada ator, como eles agem e suas características nas ações de violência e de recordações.

O agressor também é conhecido como *bully*, e segundo Melo (2010, 36 p.) é aquele que vitimiza os mais fracos, podendo ser de ambos os sexos, costumando manifestar pouca empatia.

Ainda de acordo com o autor referenciado:

Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre os outros alunos. Melo (2010, 36 p.).

Os atores que testemunham e observam são aqueles que não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, mas convivem no espaço onde tudo ocorre. São aqueles que presenciam, testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Segundo Barbosa (2010, p. 45) os observadores ou espectadores podem ser divididos em: espectadores passivos, que preferem só observar por medo de se tornarem a próxima vítima; espectadores ativos que não participam dos ataques e ações de *bullying*, apóiam os

agressores com risadas e palavras de incentivo; e os observadores neutros que são aqueles que não demonstram nenhuma reação e a indiferença reina. (2010, p. 45-46).

Nesta teia ainda temos o protagonista da ação de *bullying* que é a vítima que também é conhecida como alvo é aquela que sofre as ações de violência repetidas seja esta direta ou indireta.

Lopes Neto (2011, p. 43) afirma que as vítimas:

Sentem-se infelizes, sofrem com medo, a vergonha, a depressão e a ansiedade. Muitos até acreditam que sejam merecedores dos maus-tratos sofridos. Podem evitar a escola e o convívio social, como proteção contra novas agressões.

Há quem diga que quem agride esquece e quem é agredido lembra para toda a vida. Mas observa-se que uma agressão resulta em lembranças diferenciadas para todos os seus envolvidos, sejam os agredidos, os agressores ou espectadores. Cada ator social destes casos constrói lembranças que muitas vezes não querem ser lembradas, acumula mágoas longevas, destrói valores importantes e ao mesmo tempo acabam por somar características variadas na personalidade dos indivíduos envolvidos.

Com tudo isso, é a capacidade de superar ou de não superação do ser sociável que influi no comportamento humano que este passará a ter na sociedade que o cerca, e é essa a forma como se enfrenta os problemas do *bullying*.

Para o enfrentamento efetivo do fenômeno *Bullying* desenvolve-se desde o ano de 1983 programas que sistematizam critérios para a sua identificação e mostram os procedimentos que devem ser adotados pela escola, onde de maneira adequada coloca-se em prática estratégias para a intervenção de combate e de prevenção.

O programa pioneiro foi desenvolvido por Dan Olweus na Noruega (1983) e serviu de modelo para as políticas elaboradas por outros países, como Finlândia, Holanda, Espanha, Inglaterra, Irlanda, Grécia, Portugal e Brasil.

Percebemos que o nosso país, apesar de ser citado entre os países que têm programas de enfrentamento e combate ao *bullying*, não possui uma divulgação dos projetos que possuem esse perfil e chegamos à conclusão que apesar das discussões e pesquisas sobre o tema terem avançado, os seus resultados estão dispostos em projetos isolados que ficam restritos aos

muros escolares, mesmo estes sendo embasados nas diretrizes do Ministério da Educação e seguirem pesquisas de cunho científico.

Nas escolas do município de Acari-RN, principalmente as da rede estadual de educação, verificamos que o combate as práticas de *bullying* se dá na busca pela quebra do silêncio dos atores sociais envolvidos direta ou indiretamente (campanhas de alerta, rodas de conversa, diálogos em particular, etc.), onde caso sejam apresentados indícios da real existência desse fenômeno, a escola busca unir forças com a família para identificar procedimentos capazes de vencer a situação.

Quando os problemas já estão em situações mais graves e os transtornos já provocam danos, essa parceria (família – escola) cresce e toma como parceiros os serviços públicos de saúde e assistência social.

De acordo com relatos, verificamos que as estratégias adotadas pelos atores da educação do Município de Acari-RN têm dado resultados muitos positivos, pois a não verificação de danos maiores se torna notória nas escolas estudadas.

Assim, se o *bullying* não for encarado com seriedade e com a profundidade que ele pede, não há proposta ou projeto que se concretize na direção da construção da cultura de paz, pois o trabalho é árduo e, sobretudo coletivo, exigindo vontade de todos para a sua realização.

REFERÊNCIAS

CARPENTER, Debora e Ferguson, Christopher. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo?**. Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas – SP: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pedriatria*, Porto Alegre, v. 81, n° 5, p. S164-S164-S172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped//v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em 26 de janeiro de 2013.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. Recife: EDUPE, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual Antibullying para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.